

VENCER DESTRUINDO... OU VENCER CONTROLANDO A NARRATIVA?

Na guerra contemporânea, a força já não garante vitória; a Doutrina Dahiya expõe um paradoxo: quanto mais se destrói, menos se controla o sentido da ação; o combate migrou para a Névoa da Guerra 2.0, onde vence quem domina a narrativa, não apenas o território.

Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A força sozinha já não decide. Na guerra contemporânea, a vitória pertence a quem dita o significado da destruição. A chamada “Doutrina Dahiya”, associada às operações israelenses contra atores como o Hezbollah e o Hamas, voltou ao centro do debate internacional. Sua lógica é brutalmente simples: aplicar força esmagadora ao ambiente do inimigo para impor um custo tão alto que qualquer resistência futura se torne inviável.

O conceito remonta à devastação do sul de Beirute durante a Guerra do Líbano de 2006. Lá, a destruição deixou de ser um subproduto da guerra e tornou-se seu principal instrumento.

Mas o verdadeiro problema não é a Dahiya. O problema é o que a Dahiya revela.

UMA IDEIA ANTIGA COM NOVOS MEIOS

Longe de ser uma inovação, essa lógica está enraizada na tradição estratégica ocidental. Carl von Clausewitz já havia argumentado que a guerra consiste em forçar o inimigo a fazer a nossa vontade. Giulio Douhet levou essa ideia ao extremo: atacar a população para quebrar seu moral. Durante a Guerra Fria, pensadores como Thomas Schelling e Herman Kahn refinaram o conceito: a chave não era apenas a destruição, mas tornar crível a ameaça de uma destruição intolerável. A Doutrina Dahiya não inventa nada; ela adapta o conceito ao século XXI.

O LIMITE DA FORÇA

O problema é que a guerra mudou. Hoje, como alertou Rupert Smith, ela é travada “*entre o povo*”. E, nesse contexto, o uso desproporcional da força pode ter o efeito oposto: em vez de dissuadir, alimenta o conflito. Autores como David Kilcullen foram claros: punir ambientes civis pode fortalecer o inimigo que se pretende enfraquecer. A dissuasão extrema, portanto, enfrenta seu próprio paradoxo: quanto mais intensa, mais incerta se torna.

O RETORNO DO PODER E SEUS LIMITES

O contexto global, como já dissemos, confirma que isso não é uma exceção, mas uma tendência. Segundo dados recentes do Instituto Internacional de Pesquisa da Paz de Estocolmo (SIPRI), os gastos militares globais atingiram um novo recorde histórico em 2025, aproximando-se de três trilhões de dólares. Longe de diminuir, tudo indica que essa tendência continuará em 2026 e nos anos seguintes.

Os dados são reveladores: diante da incerteza estratégica, os Estados estão recorrendo a uma resposta clássica: mais poder, mais capacidade destrutiva, mais dissuasão.

Mas surge aqui uma tensão crucial: se o sistema internacional está se rearmando sob a lógica da dissuasão extrema, por que os conflitos não estão diminuindo, mas sim se multiplicando e se prolongando?

A resposta reside no cerne do problema: acreditamos que o poder material cresceu mais rápido do que a capacidade de compreender seu significado (e o que alguns líderes atuais podem compreender). Em outras palavras, o mundo investe em força como se a guerra ainda fosse um fenômeno exclusivamente físico, quando na realidade ela se transformou em um fenômeno físico-perceptivo.

A GUERRA INVISÍVEL

Cada bomba, cada operação, cada ação militar é agora imediatamente traduzida em imagens,

histórias e narrativas globais. Veículos de comunicação como *The Guardian*, *The Washington Post* e *The New York Times* não apenas noticiam: eles constroem o significado da guerra em tempo real.

Aqui reside o verdadeiro campo de batalha contemporâneo: a Névoa da Guerra 2.0. Não se trata mais da incerteza do combate, mas de algo mais complexo:

- Saturação de informação.
- Disputa sobre interpretação.
- Manipulação de significado.

Nesse cenário, a vitória depende não apenas do que é destruído, mas de como essa destruição é interpretada.

A LIÇÃO AINDA A SER APRENDIDA

Para a Argentina, o desafio é significativo. Não se trata de imitar doutrinas estrangeiras, mas de recuperar sua própria tradição que, desde José de San Martín, compreende a guerra como um fenômeno holístico: militar, político e moral, tudo ao mesmo tempo.

Hoje, essa tradição exige um passo adiante: incorporar o domínio da percepção como uma dimensão central da estratégia.

O VERDADEIRO PODER

A Doutrina Dahiya levanta uma questão incômoda: é possível impor a paz por meio da devastação?

A Névoa da Guerra 2.0, que temos apresentado nesta coluna, responde a uma questão ainda mais perturbadora: qual o sentido da destruição se o significado do que é destruído não é controlado? No século XXI, o poder não reside mais apenas na capacidade de infligir danos.

Reside em algo mais sutil – e mais decisivo –: a capacidade de definir o que esse dano significa. Porque, no final das contas, não vence quem destrói mais, mas quem consegue fazer o mundo acreditar que estava certo em fazê-lo.

**Gabriel Camilli é coronel mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
